

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελhos Moutsópoulos

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

KAIRÓS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA EM EVÁγγελHOS MOUTSÓPOULOS

Constança Marcondes Cesar
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A noção de *kairós* é uma noção-chave na obra de Eváγγελhos Moutsópoulos, filósofo grego contemporâneo. Partindo da concepção aristotélica do termo, traduz a palavra da antiga tradição como “instante propício”. Percorre os desdobramentos da significação da palavra, desde Sócrates até o pensamento contemporâneo, e estuda as relações entre *krísis* e *kairós* ao considerar a crise contemporânea da cultura.

Palavras-chave: *kairós*, Moutsópoulos, história, crise contemporânea.

Résumé: Le mot *kairós* est le mot-clé dans l’oeuvre du penseur grec contemporain Eváγγελhos Moutsópoulos. Son point de départ est la signification attribuée au mot par Aristote, qui envisage le *kairós* par rapport au temps comme « l’instant propice ». Il suit les métamorphoses et l’enrichissement du sens que le mot a subit dans son parcours historique, de Socrate à la pensée contemporaine et il étudie les liaisons entre *krísis* et *kairós* afin d’examiner la crise contemporaine de la culture.

Mots-clés : *kairós*, *krísis*, Moutsópoulos, histoire, crise contemporaine.

1. Introdução

A noção de *kairós* é uma noção-chave na obra de Eváγγελhos Moutsópoulos, filósofo grego contemporâneo. Partindo da concepção aristotélica do termo, Moutsópoulos traduz a palavra da antiga tradição como “instante propício”, o tempo considerado na sua dimensão axiológica, qualitativa, o ponto de encontro entre o tempo objetivo do mundo e a subjetividade humana. É, essencialmente, o *tempo favorável*, no qual a *intencionalidade* da consciência se expressa¹.

¹ Veja-se, a propósito, de forma ampliada, nossa abordagem do tema em *Filosofia da Cultura Grega*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008, p.57 ss.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

Moutsópoulos entende o termo como *substantivo*, indicando o *tempo oportuno*; mas também introduz o adjetivo *kairicidade*, para se referir à *criação artística*, que realiza o homem e humaniza o mundo.

Kairós expressa, assim, a atividade criadora do ser humano, que introduz mudanças qualitativas no mundo, expressando sua liberdade. Expõe-se, privilegiadamente, na obra de arte, enquanto esta produz alterações qualitativas através de sua inserção no mundo e manifesta a consciência do artista ou dos que a contemplam.

Numa primeira abordagem, Moutsópoulos considerou o termo estruturando seus estudos em torno de quatro temas: a relação entre ser e *kairós*, entre consciência e *kairós*, entre arte e *kairós*, entre história e *kairós*, conforme já explicitamos em nosso estudo anterior².

Atividade criadora, *kairós* é o bem da vida humana, procurado de forma exponencial pela cultura grega, cultura *kairica* por excelência, na qual a busca dos valores do bem, da beleza, da verdade e da liberdade foram, desde sua mais antiga tradição, os elementos axiais³.

A abordagem temática é exposta em seu livro *Kairós. La mise et l'enjeu*⁴, e, mais recentemente, no *Kairicidade e Liberdade*⁵; como palavra-chave para descrição da cultura grega, veja-se *Filosofia da Cultura Grega*⁶, e como conceito interpretativo da história, *O universo dos valores, universo do homem*⁷.

O percurso do termo, numa abordagem histórica, aparece no *Variações sobre o tema do kairós de Sócrates a Dionísio*⁸, precedido por um estudo sobre Proclo, onde o tema também é abordado⁹. É sucedido por outro estudo intitulado *Estrutura, presença e funções do kairós na filosofia de Proclo*¹⁰ e por *Reflexos e ressonâncias do kairós*¹¹, onde o tema é reestudado na tradição antiga e traduzido até a modernidade, servindo de

² C. Marcondes Cesar, *Filosofia da Cultura Grega*, p. 60 e segs. Ver: E. Moutsópoulos. *Kairós. La mise et l'enjeu*. Paris: Vrin, 1991.

³ C. Marcondes Cesar, op. cit., p. 62-63.

⁴ E. Moutsópoulos. *Kairós. La mise et l'enjeu*. Paris: Vrin, 1991.

⁵ Id. Aparecida: Ideias & Letras, 2013. Publicação original *Kairicité et liberté*. Atenas: Academia de Atenas, 2007.

⁶ Id. *Philosophie de la culture grecque*. Atenas: Academia de Atenas, 1998.

⁷ Id. *L'univers des valeurs, univers de l'homme*. Atenas: Academia de Atenas, 2005.

⁸ Id., *Variations sur le thème du kairós de Socrate à Denys*. Paris, Vrin, 2002.

⁹ Id. *Parcours de Proclus*. Atenas: CIEPA, 1993.

¹⁰ Id. *Structure, présence et fonctions du kairós chez Proclus*. Atenas: Academia de Atenas, 2003.

¹¹ Id. *Reflets et résonances du kairós*. Atenas: Academia de Atenas, 2010.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

ponto de referência para a compreensão de aspectos da filosofia de Agostinho, Kant, Braïlas-Arménis e também para o exame da crise cultural mundial e das possibilidades de sua superação.

2. Variações e reflexos do *kairós*

Nosso filósofo reconhece como um momento *kairico* o da eclosão do pensamento grego¹². Contrapondo-se à interpretação mítica, mágica, religiosa e artística do mundo, o surgimento da filosofia consistiu numa ruptura do tempo habitual, numa mudança qualitativa das consciências, que levaram à “busca dos puros princípios regentes do universo”¹³.

Magia, geodésia, astrologia são substituídas por geometria, astronomia. Busca-se um saber puro, fim em si, característico do *lógos*; a filosofia surge e permite a superação dos preconceitos, a abertura a outras mentalidades, a afirmação da democracia e da liberdade.

Surge o filosofar, como exploração rigorosa do novo, como celebração da razão, como renovada atitude perante o mundo e a vida. A filosofia constitui, ela própria, a emergência de um *kairós*, de um tempo qualitativamente diferente e renovador.

Exemplo da presença do *kairós* entre os pré-socráticos é a filosofia de Demócrito de Abdera, caracterizada pelas noções da justa medida, moderação, na busca de um viver em um estado mental equilibrado, sem se ocupar de coisas demais, sem ir além das próprias forças, sem excessos no fazer e no pensar. Caracterizava-se pela *intrepidez*, isto é pela ausência de temor e medo, pela impassibilidade. Prudência, sabedoria e boa solução aos problemas da vida, de modo responsável, racionalmente, evitando a injustiça e expressando a bondade, a excelência no agir – seriam expressões de uma moral do *kairós*, conforme Moutsópoulos assegura.

Meditando sobre o *kairós* na filosofia de Sócrates, a partir das contribuições de Magalhães Vilhena, na sua obra sobre a questão do Sócrates histórico e do Sócrates platônico que põe à luz a figura lendária do mestre, Moutsópoulos percorre as contribuições de Dupréel, Monnier, Robin, Fouillée, Brun, Kakka, Schrempf e a do pensador grego do século XIX, Braïlas-Aeménis, assim como a de numerosos

¹² Id., op. cit., Atenas: Academia de Atenas, 2010, p.37-40.

¹³ Id., ibid., p. 38.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

comentadores de Aristóteles e Xenofonte, bem como de autores alemães e ingleses, italianos e gregos, para apresentar um Sócrates inquieto com questões éticas e com o método de indagação de questões filosóficas. A figura lendária é contraditória, pois mesmo os depoimentos de Platão e Xenofonte, na opinião de estudiosos da escola alemã e da tradição inglesa da primeira metade do século XX, não discernem claramente o que é lendário e o que é efetivamente contribuição de Sócrates.

Para Moutsópoulos, o que verdadeiramente constitui o legado de Sócrates foi ter apresentado uma nova concepção da vida, uma nova atitude perante a existência, que implicou um deslocamento de atenção dos problemas a respeito do cosmos em direção às questões referentes ao homem, à liberdade, ao mundo interior, que só terão paralelo na história da Filosofia em outros dois momentos: com Kant e com “Husserl e a tradição que ele inaugurou”¹⁴.

O estilo indagativo, que põe questões, deixando o interlocutor em uma aporia, que o obriga a rever suas posições, define um sistema de possibilidades lógicas, que os sofistas também utilizaram. Sócrates “parte de um ceticismo metódico para chegar deliberadamente a um racionalismo dogmático”¹⁵. Seu objetivo é a apreensão de uma solução, mediante a oposição dialética dos contrários, que implica “o recurso à moderação (...) de caráter kairico (...) qualidade essencial à qual a consciência deve se conformar para atingir o seu objetivo”¹⁶.

Assim, para Sócrates, a virtude de moderação, da justa medida, é a apreensão do *kairós*, da liberdade que resulta da busca “da retidão tanto no conhecimento quanto no comportamento”¹⁷.

O primeiro sentido de *kairós* é, assim, na tradição filosófica, o que possibilita a apreensão da justa medida no conhecimento e no agir.

Em Platão, o tema do *kairós* está integrado na meditação sobre a criação do homem, pensado a partir dos poemas de Hesíodo. No mito do *Protágoras*, Platão utiliza a noção do tempo, de *chrónos*, no sentido de *kairós*, quando se refere ao ato criador em que os deuses intervêm para fazer surgir os seres mortais. A criação do homem ocorre na terra, de modo que este aparece com os qualificativos: “engendrado na terra”,

¹⁴ E. Moutsópoulos. *Variations sur le thème du kairos de Socrate à Denys*, p. 13.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 15.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 16-17.

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 17.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

“terrestre”, nos diferentes diálogos de Platão. O homem é construído a partir de uma matriz, na qual foram misturados terra e fogo. Seu corpo foi dotado de uma alma que o distingue dos outros seres e o orienta para a virtude. É o ponto culminante da totalidade da criação, porque “provido de uma alma que o aparenta com o divino”, tendo a capacidade de buscar *ritmo* e *harmonia*, isto é *kairós*, ao longo de sua vida. O *kairós*, na vida humana, é superação do erro, da errância; é odisseia de consciência, na busca de retornar à certeza e à verdade, ao *justo meio* – primeiro sentido do termo, na perspectiva do ensinamento socrático.

Moutsópoulos aborda novamente, em *Reflexos e ressonâncias do kairós*¹⁸, a meditação sobre o tema em Platão.

É considerando o papel da música na filosofia, inspirando-se na tradição mágico-musical que de Orfeu a Pitágoras já assinalava sua importância na formação do caráter, conferindo beleza e nobreza à alma, que Platão define a filosofia como *música suprema*¹⁹.

Estabelecendo uma correlação entre sonoridade da música e os movimentos da alma, Platão mostra como aquela atua, reestabelecendo o equilíbrio entre o corpo e a alma. Impregnada de música, a alma dos homens experimenta prazer; a dos sábios entrevê, “nas harmonias sonoras, os traços de uma harmonia eterna”²⁰. Ensinada aos jovens, induz a buscar a virtude, entendida como *kalokagathía*. O bom ritmo, a bela harmonia, diz Platão no *Protágoras*²¹, impregnam a alma, são *kairós* proveitoso. O caminho *kairico* é o que conduz, diz Platão, da percepção do belo sensível à contemplação da beleza inteligível, no *Banquete*²². Nessa obra, referindo-se ao discurso de Diótima²³, Moutsópoulos mostra que a apreensão da beleza, partindo de coisas belas, fez surgir a compreensão da natureza de Eros e, obedecendo à dialética ascensional socrática, leva à contemplação do Belo Suprassensível, instante *kairico* por excelência: descoberta do esplendor imperecível.

¹⁸ Id., *Reflets et résonances du kairós*, p. 45-66, p. 139-144.

¹⁹ Platão, *Rep.* III, 402 a, *apud* Moutsópoulos, op. cit.

²⁰ Id., *Timeu*, 80 b; *Teeteto*, 144 d.

²¹ Id., *Protágoras*, 326 b.

²² E. Moutsópoulos, *Reflets...*, p. 145-154.

²³ Platão, *Banquete*, 201 d – 212 c; 209 e 212 a.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

Ainda em *Reflexos...* Moutsópoulos aborda²⁴, no *Timeu* e nas *Leis*, o tema do *kairós* em relação aos conceitos de *acaso* e *necessidade*.

No *Timeu*, acaso e necessidade aparecem relacionados com a noção de *inteligência*, liberdade consciente. *Necessidade* é o oposto de *inteligência*²⁵; nas *Leis*, acaso e necessidade vinculam-se à noção de *kairós*²⁶. Recordando a personificação da necessidade aos mitos das *Moiras*, Ananké e Cloto, na *República*²⁷, Platão fala da necessidade como o que produz, no mundo sensível, o reflexo do Bem, da Alma do mundo, estruturando-o segundo a inteligência divina. Aparece também ligada ao distanciamento, isto é, à atitude crítica que permite perceber alternativas na sucessão irreversível, de modo a assegurar “um certo grau de liberdade”, fazendo o ser humano reconhecer o *kairós*. Tal *kairós* é a intervenção que instaura, no vir-a-ser previsto, um vir-a-ser que favorece a sua realização²⁸.

Na obra tardia *Leis*, Platão relaciona as noções de *acaso* e *necessidade* à de *kairós*, afirmando que são esses elementos que governam a vida humana²⁹. Discerne aí natureza, acaso e inventividade humana, vinculando o homem e o acaso à atuação de Deus. Os homens esperam sempre ter as *melhores oportunidades*³⁰, diz Platão. E aqui Moutsópoulos introduz a noção de *kairós*, momento favorável, que pode ser apreendido por antecipação e está relacionado à decisão ética³¹, diz o filósofo contemporâneo, reportando-se uma vez mais ao *Leis*.

Moutsópoulos assinala que, como Homero, Platão utiliza o adjetivo *kairios*, para designar o *ponto de mutação* na vida de alguém ou de uma questão³². Apreender o *kairós* supõe: cálculo, percepção da oportunidade, apreensão do que acontece entre o mínimo e o ótimo para decidir questões³³. E afirma que para Platão a vida feliz depende da prudência, de boa decisão quanto ao *kairós*³⁴ possibilitando agir no instante preciso,

²⁴ E. Moutsópoulos, *Reflets...* p. 45-59.

²⁵ Id., op. cit., p. 45.

²⁶ Id., ibid.

²⁷ Id., ibid.; ver também Platão, *Rep.* X, 617 b.

²⁸ Id., ibid., p. 49.

²⁹ Platão, *Leis* IV, 709 b.

³⁰ Id., *Leis* IX, 856 e.

³¹ E. Moutsópoulos, *Reflets...* p.55. Cf. Platão, *Leis*, III, 687 a.

³² Id., ibid., p. 56-57.

³³ Id., ibid., p. 57.

³⁴ Id., Platão, *Rep.* IV, 421 a.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

nem *muíto cedo* nem *muíto tarde*, expressos respectivamente pelos termos *akáiros* e *pará kairón*³⁵.

Mas é a Aristóteles que Moutsópoulos se refere com maior ênfase ao propor sua abordagem histórica do conceito. Ao autor foram dedicados estudos publicados entre 1983 e 1999³⁶, além dos textos reunidos em *Variações...*, obra editada em 2002. Remonta a 1985 o texto sobre a noção de *kairós* em Aristóteles, publicado originalmente na *Revue Philosophique* e reeditado em *Kairós. La mise et l'enjeu*, de 1991.

Partiremos do breve exame do texto que inaugura, em 1985, o estudo do *kairós* em Aristóteles³⁷. Para Aristóteles, diz Moutsópoulos, *kairós* é “o bem no tempo”, “o tempo liberto da necessidade”, “o tempo gerador da temporalidade”³⁸. *Kairós* aparece, então, como o tempo qualitativo, o tempo favorável, da vida criadora e da contemplação, da liberdade do homem³⁹. Esse texto resume, de certo modo, os estudos de Moutsópoulos que o precederam e o aprofundamento da discussão no *Variações...* Retornaremos a ele adiante, quando abordarmos a concepção de *kairós* no próprio Moutsópoulos e suas ressonâncias no pensamento moderno e contemporâneo.

No que segue, consideremos os estudos do pensador grego contemporâneo sobre Aristóteles nas suas relações com as ciências da natureza, o comportamento humano, o trabalho, a educação e a política.

No que diz respeito ao termo *kairós* considerado em relação à natureza, para o estagirita, em diversas passagens de sua obra, ele significa uma *reestruturação da temporalidade*⁴⁰. Por essa reestruturação “a consciência se instala (...) por antecipação, no futuro (...) ou (...) no passado”⁴¹. As implicações metodológicas da noção foram expostas em estudos científicos de Aristóteles: o exame de um problema deve seguir

³⁵ E. Moutsópoulos, op. cit., p. 58.

³⁶ Id., *Variations...*, passim.

³⁷ Id., « La fonction du kairós selon Aristote » in id. *Kairós. La mise et l'enjeu*, p. 73-77. Em nosso estudo do conceito de *kairós* publicado em C. Marcondes Cesar, *Papéis Filosóficos*. Londrina: UEL, 1999, p. 15-20, utilizamos as referências da publicação na *Revue Philosophique*, cedida por nosso amigo, Dr. Jean-Marc Gabaude, da Universidade de Toulouse le-Mirail.

³⁸ Id., ibid., p. 223-224. Ver Aristóteles, *Ética a Nicômaco* A4, 1096 a 26 e 32; id., *E. a Eudemo*, A8, 1217 b 32,37,38; *Primeiros Analíticos*, A36, 38 b, 35.

³⁹ C. Marcondes Cesar. “Kairós” in id. *Papéis Filosóficos*, p. 15-18.

⁴⁰ E. Moutsópoulos in op. cit. assinala: *Pr. Anal.* A 19, 38 b, 35; *Metafísica* A 5, 985 b 30; 9; 990 a 23; H 3, 1043 b 25; M 4, 1078 b 22; *Ética a Nicômaco* B 7, 1108 b 7; *Política* B8, 1269 a 28; B 10, 1272 a 26; H 16, 1334b35; 1335 a 41.

⁴¹ Id., op. cit.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

etapas. A primeira é a *exposição apropriada*; a segunda é a deliberação em *ocasiões propícias*; a terceira é a consideração de sua causa. Tudo isso segundo a *justa medida*, outro nome do *kairós*⁴².

No texto seguinte, “Kairós e comportamento em Aristóteles”⁴³, Moutsópoulos analisa as características do *kairós* que, estabelecendo “uma descontinuidade no seio da continuidade temporal (...) se atualiza em virtude da intervenção da consciência na marcha do mundo e nos diversos processos em que a atividade humana se inscreve”⁴⁴. É associado à *ação bem sucedida*, que realiza o bem, inscrevendo a dimensão axiológica no mundo vivido. É uma vez mais relacionado ao *métron*, à reestruturação e reavaliação das decisões em vista da realidade objetiva, e à *moderação*, decisão refletida, *prudência* (*phrónesis*) que instaura o *ótimo* na vida prática⁴⁵.

No texto seguinte, no livro *Variações...*, Moutsópoulos se apoia novamente em Aristóteles para estudar a dialética entre natureza e comportamento humano⁴⁶. Examina os comportamentos humanos *kairicos*, isto é, *adequados às situações*, mantendo o equilíbrio da pessoa. O homem se distingue dos animais em função da *prudência* que caracteriza os comportamentos submetidos ao entendimento, à *justa medida* que expressa sua racionalidade. Esta racionalidade se manifesta na linguagem, na busca da verdade, da ciência, da vida moral (*éthos*).

Os comportamentos humanos precisam ser regulados pelas leis. Mas o homem se caracteriza pela *prohairesis*, a intenção voluntária, a liberdade. As ações *kairicas* são as que se caracterizam pela *kalokagathía*: são *belas e boas*; não apenas se referem aos indivíduos, mas também às cidades, sendo a *política* “o estudo das qualidades morais das cidades”⁴⁷.

O trabalho também pode expressar o *kairós*, segundo Aristóteles⁴⁸. Estabelecendo analogias entre o trabalho de um organismo, cujas partes concorrem ao proveito do todo, atuando de modo a, pela divisão das tarefas, conduzir ao bom resultado do organismo total e assegurar seu desenvolvimento e subsistência, Aristóteles explicita, diz Moutsópoulos, vários sentidos para o termo trabalho: atividade (*práxis*)

⁴² Os textos aristotélicos a que Moutsópoulos se reporta são: *Meteor.*, B 9, 370 a 10-17.

⁴³ Id., op. cit., p. 78-84.

⁴⁴ Id., op. cit., p. 79

⁴⁵ Id., op. cit., p. 83-84.

⁴⁶ Id., “Nature et comportement humain selon Aristote: une dialectique” in op. cit., p. 85-98.

⁴⁷ Id., *ibid.*, p. 97.

⁴⁸ Id., “Travail et kairos chez Aristote”, in id. op. cit., p. 99-108.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

função, dever, obra criadora⁴⁹. É desdobrando esses sentidos que Aristóteles os associa à noção de *kairós*: o *melhor*, para um organismo, é que cada órgão execute bem seu trabalho, cumprindo sua finalidade (*karicidade*) de modo análogo ao que acontece numa colmeia, onde cada abelha realiza a *excelência* do trabalho produtivo, visando a *otimização* do resultado.

No plano humano, o trabalho é “o resultado de um longo processo de racionalização”⁵⁰, visando *fins úteis*. Mas implica também as *atividades criadoras*, pois “o trabalho intelectual também é um *trabalho produtivo*”, como o dos filósofos e poetas, que visam obter *bons resultados*, atingir o *kairós* pelo “domínio perfeito de sua arte”⁵¹.

No plano de vida política, Aristóteles estabelece analogias entre a educação pela música, que conduz à *justa medida*, e a expressão humana da harmonia cósmica, o *kairós*. Esse equilíbrio se exprime, na cidade, pela *igualdade política*: liberdade e direito à palavra.

Assim, *justa medida, moderação*, na música e na vida, expressariam o “processo da redução da desordem à ordem”, o “limite kairico” que permite o ponto de equilíbrio entre o mínimo e o ótimo, constituindo o justo meio qualitativo que serve de parâmetro ético para a ação⁵², expressando justiça⁵³ e conformidade ao dever⁵⁴.

Na sequência da abordagem histórica dos estudos em torno do tema, Moutsópoulos se refere brevemente a Plotino, no *Reflexos...*⁵⁵. Mas dedicou uma obra importante, editada originalmente em Atenas e reeditada em Paris pela Vrin⁵⁶, ao exame do problema do imaginário em Plotino.

É considerando a harmonia inteligível e a audível, em Plotino⁵⁷, que Moutsópoulos distingue entre os sábios, que apreendem a harmonia cósmica, a harmonia inteligível, e o homem comum, que apenas apreende a harmonia sensível: “A

⁴⁹ E. Moutsópoulos assinala esses vários sentidos em: *Met. Z* 11, 1036 b 31 e *M* 9, 1086 b 5; *E. N.*, A 61097 b 24 e *E* 3, 1129 b 20; *Met. Z* 10, 1035 b 17 e 11, 1036 b 31 e *M* 9, 1036 b 5; *E. N.*, Z 2, 1139 a 29; *E. N.* 17, 1168 a 1-2.

⁵⁰ E. Moutsópoulos, op. cit., p. 105: cita de Aristóteles: *Polit.*, H 10, 1330 a 27.

⁵¹ Id., *ibid.*, p. 106-107. Moutsópoulos cita, de Aristóteles, *Ret.* B 4, 1381 a 23; *Meteor.*, D 1, 379 a 10.

⁵² Id., *ibid.*, p. 114 e segs.

⁵³ Id., *ibid.*, p. 119.

⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 120.

⁵⁵ Id. “Harmonie intelligible et audible d’après Plotin “*in id.*, *Reflets...* p. 163-169.

⁵⁶ Id., *Le problème de l’imaginaire chez Plotin*. Atenas: Grigoris, 1980; id., op. cit. Paris: Vrin, 2002. Uma tradução Romena foi publicada em 2002.

⁵⁷ cf. nota 55, supra.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

própria alma é como uma música em potência”⁵⁸, diz Plotino. A harmonia contemplada impõe-se, através da alma, ao corpo, conferindo-lhe *beleza*, e ao comportamento, *virtude*⁵⁹. As ideias de *kairós*, entendido como harmonia, beleza e virtude aí estão presentes.

É sobre Proclo⁶⁰ herdeiro de Plotino na Escola de Atenas, que há seis estudos no *Variações...* e sete no *Reflexos...*, além de obras dedicadas ao exame de seu percurso, à sua filosofia da música e à estrutura, presença e funções do *kairós* em seus escritos. Não nos deteremos nessas últimas obras, pois acreditamos que sua amplitude e profundidade merecem uma abordagem detalhada de suas contribuições, que pretendemos levar a efeito em outro trabalho.

Ao tratar do *kairós* em Proclo no *Variações...* Moutsópoulos enfoca a noção associando-a a conotações espaciais e temporais, num primeiro momento; num segundo momento, relaciona-a com as de *encontro* e *areté*, excelência moral.

No que tange ao *kairós* associado a uma conotação espacial, Moutsópoulos a considera comparativamente em Platão, Aristóteles e Proclo⁶¹. Em Aristóteles, o termo aparece quando ele se refere a um problema particular que estudará, ou quando a ele alude, para retomá-lo mais tarde. No primeiro caso, refere-se ao *kairós* como “o momento apropriado” para tratar do assunto; no segundo caso, *kairós* é indicado como “o momento conveniente”, ao longo do desenvolvimento da reflexão. As ideias de “retomada conveniente”, “momento apropriado”, sintetizam em Aristóteles a abordagem do *kairós* referido ao futuro, mas vivido como se fosse presente, em razão da intencionalidade da ação, cujas implicações desde já podem ser percebidas. As obras: *Meteorológicas*, *As partes dos animais*, *A geração dos animais*, assim como o *Da alma*, *Ética a Nicômaco*, são as que exibem essa expressão do *kairós*⁶².

Proclo, leitor de Platão e de Aristóteles, inspirou-se na estrutura dos escritos deste último para tecer seus comentários ao *Timeu*. Comparou, inicialmente, o *Parmênides* platônico, que trata do “exame dos inteligíveis”, e o *Timeu*, que considera

⁵⁸ Plotino, *En.* II, 5, 3, 20.

⁵⁹ Id., *En.* I, 6, 3,3; *En.* III, 6, 2, 8-9; VI, 7, 35, 36.

⁶⁰ E. Moutsópoulos. *Parcours de Proclus*. Atenas: CIEPA, 1993; id., *La philosophie de la musique dans le système de Proclus*. Atenas: Academia de Atenas, 2004; id., *Structure, présence et fonctions du kairós chez Proclus*. Atenas: Academia de Atenas, 2003.

⁶¹ Id., *Variations...* p. 130-134.

⁶² Aristóteles. *Meteor.* A 7, 344 b 26; B 3, 358 b 23; *De anima* B 5, 417 b 28; *E. N.*, B 7, 1108 b 7.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

“as coisas desse mundo”⁶³. Ao proceder o comentário, utiliza amplamente a palavra *kairós*, entendida como *o momento oportuno, o lugar ideal* para interpretar Platão. É o instante “presente no presente”, *o momento decisivo* da exposição⁶⁴. Significa também o “*lugar oportuno e conveniente (kairós prépton)*” para confirmar a consideração do problema. A noção de oportunidade, associada mais ao *espaço* que ao *tempo*, emerge também quando Platão considera as relações entre o ser e o vir-a-ser⁶⁵.

Moutsópoulos estuda a correlação entre as *categorias temporais* e o *kairós* em Proclo, quando este comenta o *Parmênides* de Platão: trata de comparações quantitativas (igual, desigual) e qualitativas (semelhante, dissemelhante)⁶⁶ entre tempo e eternidade; refere-se também ao Uno, que, para os pitagóricos e Órficos, é a causa primeira, o *kairós*⁶⁷: “causa do que é oportuno (*prósforon*), necessário (*déon*), útil (*oféleian*), isto é, bom (*ágaton*)”⁶⁸.

De que modo o *kairós* está associado ao tempo? De modo análogo à correlação entre vir-a-ser e movimento na realidade sensível e “a imagem do movimento da eternidade, circular e (...) indefinidamente repetível”, que tudo constitui e contém⁶⁹. O *tempo* aparece, assim, como o lugar de encontro entre o ser e o vir-a-ser; o *kairós*, momento irrepitível, como a imagem da eternidade no tempo, entendida como “contração do passado, como do futuro, no interior de um presente antecipado”⁷⁰.

Assim como a eternidade sintetiza, no seu momento circular, a totalidade possível do tempo, o *kairós*, instante irrepitível, sintetiza, no tempo, o passado e o futuro, no interior de um presente qualitativamente diferenciado do mero fluir.

No estudo da obra de Proclo, Moutsópoulos aborda também o *kairós* em relação aos temas do encontro – harmonia – entre seres humanos e o da *areté*, virtude moral⁷¹. Trata da justiça e da justa medida, da igualdade cívica e da excelência do cidadão, de Platão a Kant. Ou seja, estuda as ressonâncias da palavra *kairós* na tradição filosófica ético-política⁷².

⁶³ E. Moutsópoulos, *Variations...*, p. 132.

⁶⁴ Id., *ibid.*

⁶⁵ Id., *ibid.*, p. 133. Cf. Platão, *Timeu*, 38 a, 38 b.

⁶⁶ Id., *ibid.*, p. 137. Cf. Proclus, in *Parm.* 1223, 4-1230, 39.

⁶⁷ Id., *Variations...* p.139.

⁶⁸ Id., *ibid.*, p. 139-140.

⁶⁹ Id., *ibid.*, p. 142.

⁷⁰ Id., *ibid.*

⁷¹ Id., *ibid.*, p. 151-165.

⁷² Id., *Reflets...* p. 245-264.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

Quanto ao primeiro tema, Moutsópoulos o introduz retomando o significado de *kairós* segundo Proclo: “instante favorável que se dever tomar, para levar a bom termo uma ação”⁷³, definido pelas categorias temporais do *ainda-não* (*òupo*) e do *nunca-mais* (*òuxéti*) e pelas categorias do *muito* (*árgon*) e do *pouco* (*mólís*), correspondendo o *kairós* ao *métron*, ponto de equilíbrio entre os dois polos.

Recordando Monique Trédé, no seu belo texto sobre o *kairós*⁷⁴, Moutsópoulos fala da intervenção adequada do médico, que leva à cura, estabelecendo o ponto de equilíbrio entre o excesso e a falta; e mostra a analogia entre o procedimento médico, de cura dos corpos e a cura das almas, em Proclo. O Sócrates platônico, diz Proclo, apreende o *kairós* como encontro com o amado, para que este último se beneficie do encontro; e os Pitagóricos reconheciam, diz Proclo, no *kairós* a razão de benefícios a todos.

A noção de *areté*, excelência moral, também aparece associada à noção de *kairós*, no mesmo texto de Proclo. Ser virtuoso é saber valorizar o que deve ser valorizado, reconhecendo assim a *phrónesis*, sabedoria prática, como a virtude por excelência, o *daimon* presente em nós.

O objetivo é chegar, pela *kalokagathía*, o belo e o bom, à virtude perfeita e à vida livre, sustentada pela alma racional. A *areté* é o ponto de equilíbrio que o homem alcança pela compreensão essencial dos valores e das qualidades da alma.

Kairós, em Proclo, está também ligado à expectativa e à esperança, à antecipação do futuro na esperança, ao dinamismo da consciência e à proposição de objetivos, à previsão.

Tal expectativa é *kairica*, é ruptura com a continuidade temporal, já encontrada nos pitagóricos e órficos. *Kairós* é a reordenação do acontecer segundo uma disposição do homem, para reduzir a desordem, instaurando uma situação melhor: “A expectativa é a espera de um (...) benefício (...) a espera de uma cura das paixões do corpo e da alma”⁷⁵. A esperança está associada à *prohaíresis*, liberdade que se ancora em uma

⁷³ Id., *Variations...*, p. 151. No texto de Proclo, *Comentário ao Primeiro Alcibiades de Platão*, Moutsópoulos se reporta ao tomo I, 120, 12-125, 5, nas páginas 99-103 da edição da Belles Lettres, 1985.

⁷⁴ M. Trédé. *Kairos l'à-propos et l'occasion*. Paris: Klincksieck, 1992.

⁷⁵ E. Moutsópoulos, *Reflets...*, p. 63.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

predisposição, conduzindo a consciência à expectativa “da formação de condições favoráveis à existência”⁷⁶.

Matemático e filósofo, Proclo se inspirou em Ptolomeu, referindo-se ao *kairós*. A ação bem-sucedida supõe a apreensão antecipatória do seu acontecer, a predição dos fenômenos, a *protélesis*. O termo, em Ptolomeu, designava a antecipação imaginativa de uma ação futura, de suas implicações para tomar decisões. *Protélesis* é a “realização antecipada”, previsão, que possibilita inserir “a kairicidade no tempo”⁷⁷.

Em Proclo, o termo aparece também associado à “transmissão da teoria político-musical do pitagórico Damon de Oa”⁷⁸, comentando seus fragmentos. O interesse de Platão por essa teoria, na *República*, mostra o impacto da música na formação dos cidadãos. Três planos foram sucessivamente abordados: o estético, o psicológico e o político, expressando os valores da beleza, coragem e justiça. Subordinando o ritmo e a harmonia à razão, conduziria à afirmação das virtudes públicas e à instauração de uma ordem racional pela palavra. Tratava-se de buscar “as razões universais que dominam todo o processo visando atingir a verdade”⁷⁹, de modo que a música exerceria o papel de ordenadora da alma, de formação do cidadão pela coragem. A qualidade principal da música é possibilitar aos governantes o emprego dos ritmos adequados a que o povo expresse equilíbrio e virtude. Tal música é aquela que propicia a equivalência entre os cidadãos. A teoria de Proclo se fundamenta nos ensinamentos do pitagórico Damon de Oa, herdados por Platão.

A associação entre o termo *kairós* e as noções de *justiça* e *justa medida* reaparecem nos escritos de Proclo sobre a *Teologia Platônica*. A noção de *justo* ou *equitativo* ocorrem em diversos textos de Proclo, como os *Comentários*, o sobre *Parmênides*, sobre a *República*, o *Timeu*, o *Crátilo*, além de estarem mencionados nos livros I e V da *Teologia Platônica*.

Atendo-se a esta última obra, Moutsópoulos evoca, no *Protágoras* platônico, a menção ao mito da criação do homem e do mundo, a formação dos seres vivos. Encarregados de estruturar as espécies, Prometeu e Epimeteu trabalham juntos, no

⁷⁶ Id., *ibid.*, p. 64-65.

⁷⁷ Id., *ibid.*, p. 68.

⁷⁸ Id., *ibid.*, p. 345 e segs.

⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 251.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

“momento (oportuno, o *kairós*) fixado pelo destino (*heimarmenē*)”⁸⁰. Epimeteu fez as criaturas, dotando-as de qualidades que as tornassem aptas à sobrevivência, sob a supervisão de Prometeu. Epimeteu consumiu rapidamente os recursos disponíveis de qualidades a serem atribuídas a todos os seres, esgotando suas possibilidades com os seres irracionais. Deixou o homem sem aptidões que o permitissem sobreviver. No *momento oportuno* fixado pelo destino, os homens viriam ao mundo, mas sem recursos. Para corrigir a falta de Epimeteu, Prometeu roubou de Hefesto e Atenas o fogo e o saber artesanal, de modo que o homem, dotado da razão, tivesse também os instrumentos que assegurassem sua vida. Assim, os homens participaram da essência divina, pela razão.

Graças à racionalidade, por intervenção de Zeus, através da Hermes, os homens aprenderam o pudor e a justiça, as diversas artes, tornando possível a vida em comum e as virtudes a ela associadas: *a justiça institucional e a prudência*.

Comentando o mito, Proclo assinala que a *justiça* e a *equidade*, conhecidas pelos homens, equivalem à *retidão*, ao que é correto e verdadeiro; associa esses termos às noções de justa medida, conveniência racional, razoabilidade: *kairós*⁸¹.

Na tradição patrística, Gregório de Nissa, Dionísio Areopagita e Santo Agostinho são estudados, assim como, na modernidade, Kant e Pétros Braïlas-Arménis, pensador grego do século XIX. Os dois primeiros aparecem no *Variações...* e os demais, no *Reflexos...*

Em Gregório de Nissa, o termo *kairós* aparece na consideração da ação bem-sucedida, que ocorre no momento certo; é adequada ao seu objetivo. É também *eukairía*, ocasião para a consciência apreciar os atos com vistas a realizá-los bem. Gregório de Nissa opõe à *bela ação o mal*: desmedida, imprudência, desordem, falta de *kairós*; é a ação mal direcionada, que produz situações nefastas. Para ele “a manifestação suprema da providência divina coincide com a encarnação da Palavra”, com o “equilíbrio extremo”, a “aparição da graça”⁸², identificados com o *kairós*, zona decisiva do tempo na qual ocorre “a intervenção divina no itinerário da humanidade”⁸³.

⁸⁰ Id., *ibid.*, p. 258.

⁸¹ E. Moutsópoulos, *op. cit.*, p.264. Cita, explicitamente a respeito da correlação entre os termos supraindicados e o *kairós*, em uma passagem de Platão, no *Político* e em Plotino, nas *Enéadas*, VI, 8, 18, 44, numa nota, a número 58.

⁸² Id., *Variations...*, p. 170-171.

⁸³ Id., *ibid.*, p.171.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

Há, pois, em Gregório de Nissa, dois significados essenciais de *kairós*: a ação correta por parte do homem, a *bela ação*; e a intervenção de Deus no tempo, providencial.

Moutsópoulos aborda ainda a concepção de paz em Dionísio Areopagita e seu fundamento em Proclo, modelo filosófico do Areopagita. Para Dionísio, a paz é uma qualidade da divindade, do Cristo. Representa a ordem, a unificação dos opostos, a reunião dos contrários. É imutabilidade e perfeição. Enumerando as qualidades da paz, o Areopagita se refere a ela como princípio, poder soberano. Sua característica é reunir o que está disperso, mesclando os contrários, “como o demiurgo do *Timeu* (...) interpretado por Proclo”⁸⁴. É associada “ao mistério indizível da Trindade [que tem] caráter inefável e superabundante”⁸⁵. Desejável por todos os seres, ela é ou imobilidade e serenidade total, ou busca desse estado, da vida em si.

Aparentemente, a inclusão do tema de paz, símbolo ou qualidade da divindade inefável e da serenidade perfeita, aparece no texto *Variações...*, em razão de expectativa de um bem vindouro, da perfeição desejável, associado ao termo *kairós*.

A noção reaparece, no *Reflexos...*⁸⁶, a propósito da teoria do tempo em Santo Agostinho. A questão é a da inserção, numa duração eterna, da temporalidade. Essa inserção consiste numa “convergência” entre “os planos divino e humano”, marcando o instante da criação como instante *kairico*, ao qual se sucede a decadência, a queda e “a salvação e o fim dos tempos”, entendido este como fim “da inserção da temporalidade na eternidade”⁸⁷, redescoberta da kairicidade, expectativa favorável.

Moutsópoulos também considera, à luz da noção de *kairós*, a teoria do belo e do sublime em Kant, no *Crítica do Juízo*⁸⁸ e em sua “astrofísica”⁸⁹.

No primeiro texto, o pensador grego ressalta a unidade das faculdades intelectivas, entendimento e sensibilidade, pela imaginação. Afirma a existência, no sistema kantiano, de um *kairós implícito*, que se oculta habitualmente por não se referir diretamente à temporalidade. Tal *kairós* se expõe quando a referência à duração se apresenta no sentimento do sublime. O objeto do sublime é a grandeza absoluta, que

⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 175.

⁸⁵ *id.*, *ibid.*, p. 176.

⁸⁶ Id., *Reflets...* p. 171-172.

⁸⁷ Id., *ibid.*, p. 171.

⁸⁸ *id.*, *ibid.*, p. 197-208.

⁸⁹ *id.*, *ibid.*, p. 75-80.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Moutsópoulos

suscita admiração, veracidade. Na estética de Kant, o sublime é a máscara da divindade, acessível ao homem no sentimento estético.

Na obra de Kant, na conclusão da *Crítica da Razão Prática*, é a moralidade experimentada em nós e a contemplação do céu estrelado acima de nós que fundamentam a demonstração da existência de Deus, como o pensador alemão já sinalizara na *História geral da natureza e do céu*, de 1755 e no “Único fundamento possível de uma demonstração da existência de Deus”, de 1763, diz Moutsópoulos.

Encontrando no pensador a tese da “causa kairica necessária” (...) “que Kant chama de Deus”⁹⁰, Moutsópoulos mostra que o filósofo de Königsberg sustenta a hipótese de uma inteligência imanente às leis do universo descrito por Newton; para ele, fé e razão não seriam incompatíveis assim como não se contraporiam criação e evolução⁹¹.

Admirando a beleza e a ordem do universo Kant já propõe, no final da segunda *Crítica*, a hipótese de uma finalidade universal e de uma sabedoria suprema que intervém no mundo. A prova cosmológica da existência de Deus proposta por Kant é inovadora, diz Moutsópoulos. Tal inovação consistiria na assimilação, pelo filósofo, das contribuições “da ciência de seus contemporâneos, especialmente as de Newton”⁹².

O *kairós*, em Kant, consistiria, segundo Moutsópoulos, na descoberta, a partir da epistemologia, da dimensão ética que fundamentaria a descrição da intervenção providencial no mundo. Tal intervenção é o *kairós*, associado agora não apenas à ação humana bem-sucedida, mas à ordem e harmonia que se inscrevem no cosmos, pela ação de Deus-providência.

O último autor ao qual Moutsópoulos se refere, no exame do percurso histórico do termo em pauta, é Petros Braïlas-Arménis, filósofo do século XIX nascido em Corfu.

Em sua concepção da unidade entre fé e razão, Braïlas-Arménis expressaria o que Moutsópoulos chamou de um *kairós unificante*⁹³.

O ponto de partida para o exame da obra do pensador corfuista é, em Moutsópoulos, uma consideração sobre o papel da filosofia grega no mundo, desde suas origens. Nascida na Jônia no século VI, a filosofia expandiu-se “na Magna Grécia,

⁹⁰ Id., *ibid.*, p. 75-76.

⁹¹ Id., *ibid.*, p.78 e segs.

⁹² Id., *ibid.*, p.80.

⁹³ Id., *ibid.*, p.85 e segs.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

Oriente helenizado e no mundo greco-romano”, inspirando as filosofias cristã e muçulmana e se expressando intensamente no Ocidente. Mas a Grécia, berço da Filosofia, “recebeu do Ocidente, desde o século XIV, os primeiros reflexos de sua própria irradiação”, que não cessou de se aprofundar⁹⁴.

É sob o impacto do ecletismo de Victor Cousin que se expressa o pensamento de Braïllas, seu discípulo, propositor de um sistema filosófico inspirado pelo platonismo, aristotelismo e repercussões destes na Europa de então. Membro da Academia Jônica, diplomata em Paris, São Petersburgo, Londres, aí recebeu o título de *Sir*, da parte da Rainha Vitória.

Na sua obra, a fé é a afirmação de Deus como uma luz absoluta, mistério, harmonia dos contrários⁹⁵, verdade primeira, conhecida através da criação. A filosofia é “o estudo de Deus”⁹⁶. Para os não-crentes, a moral fundamentaria a razão; para os crentes, a fé é convicção inquebrantável. Os princípios da razão são: no âmbito da investigação, o da *identidade*; no das ciências da natureza e da teodiceia, o da *causalidade*; no âmbito dos problemas morais, da ação e da vida humana, o da *finalidade*.

Ou seja, as noções-chave de *causalidade* e *finalidade* aparecem associadas à fé no Criador, de modo que a lei moral implica a afirmação de virtudes: piedade, esperança, amor, temperança, prudência, veracidade, justa medida, liberdade, benevolência. O resultado dessa afirmação de valores morais é, na vida humana, a felicidade. Assim, para Braïllas, “o último grau da racionalidade coincide com o primeiro grau da fé”⁹⁷.

Nessas afirmações de Braïllas, Moutsópoulos vê um “*kairós implícito*, mas que serve para discernir e aproximar, ao mesmo tempo” razão e fé. É um *kairós* “unificador; um *kairós* que conduz do ser ao *ser mais*”⁹⁸.

3. Conclusão:

⁹⁴ Id., *ibid.*, p. 85.

⁹⁵ Id., *ibid.*, p. 89 e segs.

⁹⁶ Id., *ibid.*, p. 92.

⁹⁷ P. Braïllas-Arménis. *Oeuvres*, t. 4, p. 159-160 *apud* E. Moutsópoulos, *Reflets...*, p. 86, nota 6.

⁹⁸ E. Moutsópoulos, *op. cit.*, p. 95.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

No percurso histórico proposto por Μουτσόπουλος, podemos perceber uma ampliação crescente do conceito de *kairós* ao longo de sua obra.

Originalmente próximo das concepções tradicionais e aristotélica de *kairós*, significando “o bem no tempo”, “o tempo liberto da necessidade”, “o momento oportuno”, como vimos anteriormente, a palavra se enriquece com outras conotações epistemológicas e éticas.

Implica, assim, a noção de *eclosão*, de surgimento, de ruptura com o tempo habitual, de realização de uma mudança qualitativa no mundo e na vida humana. Implica também a noção de justiça, de justa medida, excelência moral: *métron* e *areté*. E as ideias de liberdade, previsão (*phrónesis*, *protélesis*), reestruturação da temporalidade pela intervenção divina ou humana. No plano da vida social, está relacionada com a justiça, entendida como *igualdade* e *virtude cívica, equidade*.

Na sua obra uma contribuição muito interessante é o estabelecimento de uma aproximação, quase sinonímia, entre as noções de *krísis* e de *kairós*⁹⁹. O tema foi objeto de importantes estudos do nosso autor, reunidos em *O universo dos valores, universo do homem*¹⁰⁰ e retomado em *Reflexos...*¹⁰¹ a propósito da crise cultural mundial.

No último texto, recorda a etimologia do termo *krísis* e sua relação com o termo *kairós* a partir do emprego da palavra em Hipócrates a respeito da *passagem* da doença à cura ou à morte. *Kairós* aparece então como a *passagem* de um estado a outro, mudança qualitativa inserida no tempo.

O filósofo começa por caracterizar a crise atual como uma *crise cultural*, político-econômica. Tal crise implica uma mudança que conduz os seres humanos a abandonar os valores tradicionais e a aceitar os da revolução tecnológica.

Os novos valores favorecem os esforços para resolver problemas e necessidades concretas característicos da aventura tecnológica. Emergem modelos policêntricos, sob o impacto da mundialização, que fazem apelo a critérios geo-políticos, mas não solucionam a crise da cultura.

Novos desafios impõem hoje um diálogo intercultural. E Μουτσόπουλος distingue cultura e civilização. Por civilização, entende “o conjunto de comportamentos e ações relativas aos resultados materiais da atividade social, compreendendo a

⁹⁹ C.Marcondes Cesar. *Filosofia da Cultura Grega*, p.86-116.

¹⁰⁰ E. Μουτσόπουλος. *L'univers des valeurs, univers de l'homme*. Atenas :Academia de Atenas, 2005.

¹⁰¹ id., *Reflets...*, p.293-296.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

economia, as instituições e a tecnologia”¹⁰². E por cultura, entende a referência a bens espirituais, intelectuais e morais. A vida criadora da arte e da filosofia são seus campos privilegiados. A finalidade da cultura é reforçar os laços entre os membros de uma dada comunidade. Ela expressa a busca de uma ordem, de um ritmo, que possibilite a uma dada sociedade receber contribuições novas, elementos novos. Isso favorece “a unidade da humanidade”¹⁰³ e torna os homens aptos a compreender melhor uns aos outros.

O significado dessa investigação na vida de Μουτσόπουλος, ele próprio recorda:

Aprendi que o kairós é mais do que ocasião [favorável] para apreender e explorar: [é] uma verdadeira polivalência à qual aspiramos sem cessar [...]. É ao longo dessa busca [sempre renovada] que a consciência humana se enriquece a ponto de gerar o verdadeiro, o belo e, finalmente, o bem¹⁰⁴.

Músico e filósofo, Μουτσόπουλος exprime, na sua obra, nos dois domínios, não só a busca, mas *kairoí*, realização de encontros entre a eternidade e o tempo, vida criadora.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Obras*. Madri: Aguilar, 1974.

MARCONDES CESAR, C. *Filosofia da Cultura Grega*. Aparecida: Ideias&Letras, 2008.

_____. “Kairós” in id., *Papéis Filosóficos*. Londrina: UEL, 1999.

MOUSÓPOULOS, M. *Kairós. La mise et l'enjeu*. Paris :Vrin, 1991.

_____. *Variations sur le thème du kairós de Socrate à Denys*. Paris :Vrin, 2002.

_____. *Le problème de l'imaginaire chez Plotin*. Atenas : Grigoris, 1980 ; Paris : Vrin, 2000.

_____. *Reflets et résonances du kairós*. Atenas :Academia de Atenas, 2010.

_____. *Kairicité et liberté*. Atenas :Academia de Atenas, 2007.

_____. *Kairicidade e liberdade*. Aparecida : Ideias & Letras, 2013.

_____. *Parcours de Proclus*. Atenas: C.I.E.P.A., 1993.

_____. *Structure, présence et fonctions du kairós chez Proclus*. Atenas :Academia de Atenas, 2003.

¹⁰² id., *ibid.*, p.295 e segs.

¹⁰³ id., *ibid.*, p.296.

¹⁰⁴ id., *ibid.*, p. 297.

Marcondes, Constança

Kairós: uma abordagem histórica em Eváγγελος Μουτσόπουλος

_____ *La philosophie de la musique dans le systtème de Proclus*. Atenas : Academia de Atenas, 2004.

_____ *Philosophie de la culture grecque*. Atenas : Academia de Atenas, 1998.

_____ *L'univers des valeurs, univers de l'homme*. Atenas : Academia de Atenas, 2005.

_____ *La musique dans l'oeuvre de Platon*. Paris : PUF, 1959 ; 2a. ed. 1989

PLATÃO. *Oeuvres complètes*, I e II. Paris: Gallimard, 1950.

PLOTINO. *Ennéades*. Paris: Belles Lettres, 1990.

PSEUDO-DENYS. *Oeuvres Complètes*. Paris: Aubier, 1943.

TRÉDÉ, M. *Kairós l'à-propos et l'occasion*. Paris: Klincksieck, 1992.

Obras musicais de E. Μουτσόπουλος editadas em CD: *Oeuvres pour piano I e II*, editadas por Lilly, na Grécia.

Lieder, editadas por Lilly, na Grécia.

Choral Works, editados pela Universidade de Atenas.

[Recebido em julho de 2013; aceito em julho de 2013.]